

Espumas01.txt - 1

Espumas Flutuantes, de Castro Alves

Fonte: ALVES, Castro. Espumas flutuantes. in Poesias Completas. São Paulo : Ediouro, s.d. (Prestá-gio).

Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Dedicatória

A pomba d'alibânia o véio espraia
Na superfície azul do mar imenso,
Rente... rente da espuma já desmaia
Medindo a curva do horizonte extenso...
Mas um disco se avista ao longe... A praia
Rasga nitente o nevoeiro denso!...
O pouso! Ó monte! Ó ramo de oliveira!
Ninho amigo da pomba forasteira!...
Assim, meu pobre livro as asas larga
Neste oceano sem fim, sombrio, eterno...
O mar atira-lhe a saliva amarga,
O céu lhe atira o temporal de inverno...
O triste verga Ó tão pesada carga!
Quem abre ao triste um coração paterno?...
Ó tão bom ter por árvore uns carinhos!
Ó tão bom de uns afetos fazer ninhos!
Pobre árvore! Vagando nos espaços
Embalde às solidões mandas um grito!
Que importa? De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao mouro precito...
Os túmulos dos teus dolo-te regaños!
Ama-te a sombra do salgueiro aflito...
Vai, pois, meu livro! e como louro agreste
Traz-me no bico um ramo de... cipreste!

Espumas02.txt - 2

Espumas Flutuantes, de Castro Alves

Fonte: ALVES, Castro. Espumas flutuantes. in Poesias Completas. São Paulo : Ediouro, s.d. (Prestá-gio).

Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Os Três Amores

I

Minh'alma é como a fronte sonhadora

Do louco bardo, que Ferrara chora...

Sou Tasso!... a primavera de teus risos

De minha vida as solidões enflora...

Longe de ti eu bebo os teus perfumes,

Sigo na terra de teu passo os lumes. ..

“ Tu és Eleonora...

II

Meu coração desmaia pensativo,

Cismando em tua rosa predileta.

Sou teu pávido amante vaporoso,

Sou teu Romeu... teu lânguido poeta!...

Sonho-te às vezes virgem... seminua...

Roubo-te um casto beijo à luz da lua...

“ E tu és Julieta...

III

Na volúpia das noites andaluzas

O sangue ardente em minhas veias rola...

Sou D. Juan!... Donzelas amorosas,

Vós conheceis-me os trenos na viola!

Sobre o leito do amor teu seio brilha...

Eu morro, se desfazo-te a mantilha...

Tu és “Júlia, a Espanhola! . .

Espumas03.txt - 3

Espumas Flutuantes, de Castro Alves

Fonte: ALVES, Castro. Espumas flutuantes. in Poesias Completas. São Paulo : Ediouro, s.d. (Prestá-gio).

Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

O Laço de Fita

Não sabes crias? 'Stou louco de amores...

Prendi meus afetos, formosa Pepita.

Mas onde? No templo, no espaço, nas voas?!

Não rias, prendi-me

Num laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,

Nos negros cabelos da moça bonita,

Fingindo a serpente que enlaça a folhagem,

Formoso enroscava-se

O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,

Qual pássaro bravo, que os ares agita,

Eu vi de repente cativo, submisso

Rolar prisioneiro

Num laço de fita.

E agora enleada na tua cadeia

Debalde minh'alma se embate, se irrita...

O braço, que rompe cadeias de ferro,

Não quebra teus elos,

“laço de fita!

Meu Deus! As falenas têm asas de opala,

Os astros se libram na plaga infinita.

Os anjos repousam nas penas brilhantes...

Mas tu... tens por asas

Um laço de fita.

Há pouco voavas na cãlida valsa,

Na valsa que anseia, que estua e palpita.

Por que é que tremeste? Não eram meus lábios...

Beijava-te apenas...

Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos

N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças
Mas eu... fico preso
No laço de fita.
Pois bem! Quando um dia na sombra do vale
Abrirem-me a cova... formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dê-me por c'roa...
Teu laço de fita.

Espumas04.txt - 4

Espumas Flutuantes, de Castro Alves

Fonte: ALVES, Castro. Espumas flutuantes. in Poesias Completas. São Paulo : Ediouro, s.d.
(Prestgio).

Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Hebréia

Flos campi et lilium convallium

(Cântico dos Cânticos)

Pomba d'esp'rança sobre um mar d'escolhos!

Lá-rio do vale oriental, brilhante!

Estrela vósper do pastor errante!

Ramo de murta a recender cheirosa! ..

Tu és, ó filha de Israel formosa...

Tu és, ó linda, sedutora Hebréia...

Pálida rosa da infeliz Judéia

Sem ter o orvalho, que do céu deriva!

Por que descoras, quando a tarde esquiva

Mira-se triste sobre o azul das vagas?

São saudades das infindas plagas,

Onde a oliveira no Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,

A terra santa do Oriente imenso?

E as caravanas no deserto extenso?

E os pegureiros da palmeira ã sombra?!...

Sim, fora belo na relvosa alfombra,

Junto da fonte, onde Raquel gemera,

Viver contigo qual Jacã³ vivera

Guiando escravo teu feliz rebanho..

Depois nas ãguas de cheiroso banho

â€”Como Susana a estremecer de frioâ€”

Fitar-te, ã³ flor do babilã´nio rio,

Fitar-te a medo no salgueiro oculto...

Vem pois!... Contigo no deserto inculto,

Fugindo ã s iras de Saul embora,

Davi eu fora,â€”se Micol tu foras,

Vibrando na harpa do profeta o canto...

Nã£o vã³s?... Do seio me goteja o pranto

Qual da torrente do Cã©dron deserto!...

Como lutara o patriarca incerto

Lutei, meu anjo, mas caã- vencido.

Eu sou o lã³tus para o chã£o pendido.

Vem ser o orvalho oriental, brilhante!

Ai! guia o passo ao viajor perdido,

Estrela vã³sper do pastor errante!...

Espumas05.txt - 5

Espumas Flutuantes, de Castro Alves

Fonte: ALVES, Castro. Espumas flutuantes. in Poesias Completas. Sã£o Paulo : Ediouro, s.d.

(Prestã-gio).

Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de Sã£o Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuã-do livremente, desde que nã£o seja alterado, e que as informaã§ã¶es acima sejam mantidas.

Para maiores informaã§ã¶es, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

O Fantasma e a Canã£ã£o

Orgulho! desce os olhos dos cã©us

sobre ti mesmo, e vã³a como os nomes

mais poderosos vã£o se refugiar numa

canã£ã£o.

BYRON.

â€” Quem bate? â€” "A noite Ã© sombrio!"
â€” Quem bate? â€” "Ã‰ rijo o tufÃ£o!...
NÃ£o ouvis? a ventania
Ladra Ã lua como um cÃ£o.
" â€” Quem bate? â€” "O nome qu'importa?
Chamo-me dor... abre a porta!
Chamo-me frio... abre o lar!
DÃ-me pÃ£o... chamo-me fome!
Necessidade Ã o meu nome!"
â€” Mendigo! podes passar!
"Mulher, se eu falar, prometes
A porta abrir-me?" â€” Talvez.
â€” Olha... Nas cÃs deste velho
VerÃs fanados laurÃis
HÃ no meu crÃnio enrugado
O fundo sulco traÃsado
Pela c'roa imperial.
Foragido, errante espectro,
Meu cajado â€” jÃ foi cetro!
Meus trapos â€” manto real!"
â€” Senhor, minha casa Ã pobre...
Ide bater a um solar!
â€” De lÃ venho... O Rei-fantasma
Baniram do prÃprio lar.
Nas largas escadarias,
Nas vetustas galerias,
Os pajens e as cortesÃs
Cantavam!... Reinava a orgia!...
Festa' Festa! E ninguÃm via
O Rei coberto de cÃs!"
â€” Fantasmas! Aos grandes, que tombam,
Ã‰ palÃcio o mausolÃu!
â€” SilÃncio! De longe eu venho. . .
TambÃm meu tÃmulo morreu.
O sÃc'lo â€” traÃsa que medra
Nos livros feitos de pedra â€”
RÃi o mÃrmore, cruel.
O tempo â€” Atila terrÃ-vel
Quebra cota pata invisÃ-vel
SarcÃfago e capitel.
"DesgraÃsa entÃo para o espectro,
Quer seja Homero ou Solon,

Se, medindo a treva imensa
Vai bater ao Panteon...
O motim "Nero profano"
No ventre da cova insano
Mergulha os dedos cruéis.
Da guerra nos paroxismos
Se abismam mesmo os abismos
E o morto morre outra vez!
'Então, nas sombras infindas,
S'esbarram em confusão
Os fantasmas sem abrigo
Nem no espaço, nem no chão...
As almas angustiadas,
Como Águias desaninhadas,
Gemendo voam no ar.
E enchem de vagos lamentos
As vagas negras dos ventos,
Os ventos do negro mar!
"Bati a todas as portas
Nem uma sã me acolheu!...
"Entra!": Uma voz argentina
Dentro do lar respondeu.
"Entra, pois! Sombra exilada,
Entra! O verso "À uma pousada
Aos reis que perdidos vão.
A estrofe "A pãrpura extrema,
"Último trono" o poema!
"Último asilo" a Canção!. . . "

Espumas06.txt - 6

Espumas Flutuantes, de Castro Alves

Fonte: ALVES, Castro. Espumas flutuantes. in Poesias Completas. São Paulo : Ediouro, s.d.
(Pré-gio).

Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

O "Adeus" de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...
E ela, corando, murmurou-me: "adeus."
Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...
E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"
Passaram tempos... sec'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empéreo...
. . . Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse-lhe "Voltarei!... descansa!...
Ela, chorando mais que uma criança,
Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"
Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! . . . Ela me olhou branca . . . surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...
E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Espumas07.txt - 7

Espumas Flutuantes, de Castro Alves

Fonte: ALVES, Castro. Espumas flutuantes. in Poesias Completas. São Paulo : Ediouro, s.d.
(Pré-gio).

Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

A Volta da Primavera

Aime et tu renaître-fais-toi fleur pour s'éclore,
Après avoir souffert, il faut souffrir encore;
Il faut aimer sans cesse après avoir aimé.

A. DE MUSSET

Al! Não maldigas minha fronte pálida,
E o peito gasto ao refter de amores.
Vegetam louros " na caveira esquálida
E a sepultura se reveste em flores.
Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada areia.
Serei... que importa? o D. Juan da morte
Dá-me o teu seio" e tu serás Haidéia!
Pousa esta mão" nos meus cabelos "midos!...
Ensina a brisa ondulações suaves!
Dá-me um abrigo dos teus seios "midos!
Fala!... que eu ouço o pipilar das aves!
Já viste a s vezes, quando o sol de maio
Inunda o vale, o matagal e a veiga?
Murmura a relva: "Que suave raio!"
Responde o ramo: "Como a luz s meiga!"
E, ao doce influxo do claro do dia,
O junco exausto, que cederá enchente,
Levanta a fronte da lagoa fria...
Mergulha a fronte na lagoa ardente...
Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celeste amante,
Diz!... Quando em fogo o teu olhar transborda,
Não vás minh'alma reviver ovante?
% que teu riso me penetra n'alma
" Como a harmonia de uma orquestra santa
" % que teu riso tanta dor acalma...
Tanta descrença!... Tanta angústia!... Tanta!
Que eu digo ao ver tua celeste fronte:
"O céu consola toda dor que existe.
Deus fez a neve " para o negro monte!
Deus fez a virgem " para o bardo triste!"

Espumas08.txt - 8

Espumas Flutuantes, de Castro Alves

Fonte: ALVES, Castro. Espumas flutuantes. in Poesias Completas. São Paulo : Ediouro, s.d.
(Prestígio).

Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

A Uma Taça Feita de Um Crânio Humano

(Traduzido de BYRON)

Não recues! De mim não foi-se o espírito...

Em mim verás "pobre caveira fria"

Ónico crânio que, ao invés dos vivos,

Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu: Na morte

Arrancaram da terra os ossos meus.

Não me insultes! empina-me!... que a larva

Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais val guardar o sumo da parreira

Do que ao verme do chão ser pasto vil;

"Taça" levar dos Deuses a bebida,

Que o pasto do reptil.

Que este vaso, onde o espírito brilhava,

Vai nos outros o espírito acender.

Ai! Quando um crânio já não tem mais cérebro

. . . Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda há tempo! Uma outra raça,

Quando tu e os teus fordes nos fossos,

Pode do abraço te livrar da terra,

E abria folgando profanar teus ossos.

E por que não? Se no correr da vida

Tanto mal, tanta dor aí repousa?

Ó bom fugindo a podridão do lado

Servir na morte enfim p'ra alguma coisa! . . '
